



TERRA LIVRE: DA FOLKCOMUNICAÇÃO À MÍDIA RADICAL¹

GT1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação

Keila Mara dos Reis²

Prof. Dra. Beatriz C. P. Dornelles³

(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS)

Objetivos / tema central

Identificar a prática *folkcomunicacional* entre comunidades rurais assentadas da reforma agrária no interior do Rio Grande do Sul (Brasil), averiguando seu fortalecimento como grupo a partir da consolidação de sua rádio comunitária como “mídia radical”.

Reflexão teórica proposta

Aproximar a teoria de Luiz Beltrão – a *Folkcomunicação* – com o conceito mais recente de “mídia radical”, proposto por John Downing. A ideia é demonstrar como um clássico brasileiro das teorias de comunicação, da década de 1960/70, é extremamente atual entre as populações camponesas, bem como apresentar sua transdisciplinaridade com estudos atualizados. Para tanto, analisou-se a rádio

¹ Trabalho apresentado no GT *Comunicação Intercultural e Folkcomunicação*, durante o XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de Comunicação (ALAIC), de 06 a 08 de agosto de 2014 (Lima – Peru).

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação (Famecos) da PUCRS. E-mail: keila.reis@acad.pucrs.br

³ Orientadora. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – FAMECOS/PUCRS.

comunitária Terra Livre FM, criada e mantida por famílias da zona rural de Hulha Negra.

Metodologia de Abordagem

A partir de pesquisa bibliográfica e exploratória, foi realizado um levantamento de campo para observar a auto-organização e a consolidação destas comunidades através de seu principal meio de interação e diálogo. Foram utilizadas, ainda, entrevistas em profundidade e semiestruturadas, com questões abertas.

Resumo

A preservação da identidade e o acesso à cidadania requerem, permanentemente, espaços participativos de comunicação, onde os sujeitos se tornem agentes ativos na troca de informações, ideias e opiniões. Especialmente entre os povos rurais, a comunicação ainda flui através de canais rústicos, baseados na oralidade e na simplicidade da vida camponesa, reforçando assim as práticas *folkcomunicacionais*, identificadas por Luiz Beltrão. O estudo traz o exemplo da rádio comunitária Terra Livre FM, que em outubro de 2014 completa 18 anos de existência. A emissora foi criada artesanalmente por famílias assentadas da reforma agrária na pequena cidade de Hulha Negra, e hoje tornou-se seu principal veículo de comunicação. A consolidação desta rádio popular a transformou em um influente instrumento de resistência e soberania, podendo, então, ser identificada também como “mídia radical”, conforme propõe John Downing. Assim, por meio de pesquisa exploratória e de entrevistas em profundidade verifica-se a atualidade da *Folkcomunicação* e como ela pode convergir para conceitos contemporâneos.

Introdução

Embora a internet e as redes sociais tenham proporcionado uma participação mais atuante dos públicos na sociedade e junto aos meios de comunicação, há de se considerar que os recursos tecnológicos ainda não estão disponíveis a todas as parcelas da população. Bem como, o acesso a conexões via satélite ou por cabo não é igualitário, especialmente em países de grandes extensões territoriais e diversidades sociais, econômicas e geográficas como o Brasil. Assim, o desenvolvimento de comunidades distantes dos centros urbanos ocorre muito mais pelas suas formas criativas e alternativas de sociabilidade e de comunicação, do que pelas modernas tecnologias de informação.

De acordo com o último censo demográfico realizado no Brasil⁴, 15,7% da população residia fora das áreas urbanas, estando assim, mais suscetível a falta de informação on-line. Contudo, não receber a notícia em tempo real, ou não estar conectado 24 horas à internet não significa que estes cidadãos ficam à margem dos processos comunicacionais. Pelo contrário, nos rincões onde muitas vezes até o acesso à energia elétrica é precário, eles reinventam suas práticas e configuram, à sua maneira, verdadeiras “redes sociais” não digitalizadas.

Assim, é no interior do Brasil continental que a *Folkcomunicação* de Luiz Beltrão (1980) reforça o diálogo e a interatividade entre os povos “desconectados” dos meios mais modernos. É, ainda, entre os grupos marginalizados e os movimentos sociais que os modos peculiares e rústicos de comunicação se transformam em mídia radical, identificada pelo pesquisador britânico John Downing (2002), para contrapor o discurso da mídia convencional e abrir espaço para as vozes e aspirações dos excluídos.

⁴ De acordo com o Censo 2010 do IBGE, 29.830.007 pessoas residiam no meio rural, enquanto 160.925.792 pessoas moravam na zona urbana. Recuperado em 13 de janeiro de 2014, de <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>.

Neste sentido, propõe-se aqui investigar formas populares e folclóricas de comunicação existentes longe dos centros urbanos, que se consolidaram também como meios de sobrevivência e de resistência. Para tanto, apresenta-se um estudo sobre a rádio comunitária Terra Livre FM, instalada em um assentamento da reforma agrária na zona rural de Hulha Negra (RS), a qual agrega a solidez da *Folkcomunicação* à contemporaneidade da mídia radical. A ideia é aproximar os dois conceitos a partir da observação deste canal produzido para e por agricultores, explorando a vitalidade da sociedade e os fenômenos culturais no contexto camponês.

Com base em uma pesquisa exploratória e no levantamento de campo, realizados para apurar o histórico da rádio, sua produção e operação e o envolvimento da comunidade, é possível constatar como a auto-organização e a participação popular podem levar os cidadãos à sua emancipação política, geográfica e social. Através de uma amostra de 10 entrevistas⁵ em profundidade e semiestruturadas, com questões abertas, foram contemplados: dois coordenadores da emissora; dois locutores (com idades variadas); dois participantes do grupo fundador; três ouvintes; e um usuário dos serviços, a fim de apurar como a prática da Terra Livre FM traduz a teoria de Beltrão (1980) e o conceito de Downing (2002).

O objetivo é compreender de que maneira estes homens e mulheres, jovens e crianças, se adaptam aos tempos de informação instantânea em um ambiente ainda arcaico como o Brasil rural. Pretende-se conhecer suas estratégias de resistência às adversidades estruturais e sociais do campo e à mídia massiva, e as suas tentativas para “tornar comuns” os próprios anseios e experiências, em busca de maior participação na sociedade. A identificação dos “líderes de opinião”,

⁵ Os nomes dos entrevistados foram omitidos por motivos éticos para preservação das fontes. No decorrer do artigo, eles serão identificados a partir da função que exercem na relação emissora-comunidade.

dos agentes *folk* e de uma audiência ativa (que é emissora e receptora ao mesmo tempo), permite renomear suas ações artesanais e populares como *Folkcomunicação* e congratular a emissora como uma legítima “mídia radical”, reconhecendo o protagonismo dos sujeitos envolvidos no processo.

Folkcomunicação: expressão popular

A principal teoria de comunicação genuinamente brasileira consiste no “processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social” (BELTRÃO, 2001, p. 73). As primeiras pesquisas do gênero, promovidas por Luiz Beltrão, privilegiaram as decodificações da cultura de massa feitas pelos veículos rudimentares nos quais se abastecem simbolicamente os segmentos populares da sociedade.

Entretanto, as investigações não se limitaram aos fenômenos da recodificação popular de mensagens da cultura massiva. De acordo com Melo (2004), elas rastrearam os processos inversos, onde a indústria cultural também se apropria de bens da cultura popular. Por isso, ele enfatiza que a “*Folkcomunicação* adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica” (MELO, 2004, p. 13).

Segundo Hohlfeldt (2002),

a *Folkcomunicação* não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A *Folkcomunicação* é o estudo dos procedimentos

comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar - necessariamente - que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo (HOHLFELDT, 2002).

Em uma sociedade composta de uma imensa variedade de grupos que vivem separados pela heterogeneidade e diversidade cultural, étnica, espacial e social, a comunicação, então, torna-se problema fundamental. Beltrão (2004) sublinha que

os grupos acham-se, assim, vinculados a uma ordem semelhante de ideias e a um propósito comum: adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade. Sabedoria e experiência, sobrevivência e aperfeiçoamento que só se consegue mediante a comunicação, o processo mínimo, verbal e gráfico pelo qual os seres humanos intercambiam sentimentos, informação e ideias (BELTRÃO, 2004, p. 27-28).

Assim, a *Folkcomunicação* surgiu das vivências e expectativas do povo simples, que encontrou na oralidade ou na escrita informal suas ferramentas de informação e de transmissão de ideias. Para manterem-se unidos pela reforma agrária e desenvolverem-se como comunidades rurais, assentados de Hulha Negra

formaram a rádio comunitária Terra Livre FM, a qual foi ao ar pela primeira vez em 25 de outubro de 1996, em um programa experimental de 10 minutos. Hoje, a emissora funciona – sem regulamentação legal – em um espaço adaptado na sede da Cooperativa Regional dos Agricultores Assentados Ltda. (Cooperal), situada no assentamento estadual Conquista da Fronteira. O projeto de reforma agrária foi o terceiro a ser implantado na região, na década de 1990, quando famílias oriundas do Norte gaúcho, organizadas em torno do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), começaram a ser alojadas ali pelo governo estadual. Desde então, são em torno de 800 famílias ⁶ de assentados em Hulha Negra.

Como o nome sugere, a Terra Livre inseriu-se no cenário de colonização do município essencialmente agrícola – dos 6.043 habitantes, 3.134 estão no campo e 2.909 na cidade⁷ – e de questões ideológicas de disputa por um pedaço de chão. Segundo relatos dos coordenadores e dos participantes da criação, a emissora surgiu da necessidade de comunicação entre os assentados, já que eles estavam distantes da principal cidade (Bagé, há cerca de 60 quilômetros, em estradas pouco trafegáveis), não possuíam outro meio de se comunicar e não “eram bem vistos” pela sociedade local. O Coordenador 1 (2013) lembra que

a dificuldade que nós tínhamos de colocar um aviso na rádio [comercial], sempre que nós íamos já tinha aquela coisa de ‘ah, é os assentados!’ e aí tu tinha de pagar. Aqui na nossa região nós demoramos um bom tempo para poder ter uma imagem bonita para a sociedade. No começo a gente chegava na cidade e os donos de supermercado fechavam a

⁶ Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Superintendência Regional do RS (Incra/RS).

⁷ Fonte: Censo Demográfico 2010 – IBGE. Recuperado em 13 de janeiro de 2014, de <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=430965&idtema=1&search=rio-grande-do-sul|hulha-negra|censo-demografico-2010:-sinopse-> >

porta porque 'eram os assentados' (COORDENADOR 1, 2013).

Evidenciam-se, assim, “os grupos rurais marginalizados” de Beltrão (1980), deixados de lado pela mídia convencional:

os grupos rurais marginalizados são constituídos de habitantes de áreas isoladas (carentes de energia elétrica, vias de transporte eficientes e meios de comunicação industrializados), subinformados, desassistidos ou precariamente contatados pelas instituições propulsoras da evolução social e, em consequência, alheios às metas de desenvolvimento perseguidas pelas classes dirigentes do país (BELTRÃO, 1980, p. 41).

Entretanto, “os grupos rurais marginalizados, sem acesso aos meios de massa (seja como comunicadores, seja como receptores), dado as características do seu existir, nem por isso deixam de informar-se e manifestar sua opinião e/ou suas aspirações” (BELTRÃO, 1980, p. 42). Eles criam mecanismos próprios para vencer as barreiras geográficas, técnicas, econômicas e culturais. Valem-se de canais interpessoais, conversas informais, reuniões e encontros para se comunicarem entre si, através de mensagens e linguajar que lhes são peculiares ao seu modo de vida. Portanto,

[...] a Folkcomunicação preenche o hiato quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo

civilizatório, e exprimindo-se em linguagem e códigos [...] (BELTRÃO, 1980, p. 26).

No caso dos assentamentos localizados na Campanha no Rio Grande do Sul, devido às grandes distâncias, o rádio foi o melhor caminho encontrado pelos agricultores para manterem-se informados e unidos. A Terra Livre passou a ser o principal meio de comunicação, não somente entre os assentamentos de Hulha Negra, mas de toda a região (são 73 assentamentos, que concentram cerca de 2,5 mil famílias⁸). De acordo com os coordenadores, a emissora tem alcance de quase 60 quilômetros e é possível sintonizar a frequência 94.1 MHz em 56 projetos de reforma agrária de outros nove municípios: Aceguá, Pedras Altas, Piratini, Pinheiro Machado, Bagé, Candiota e em partes de Arroio Grande e Herval.

Os primeiros equipamentos amadores foram doados pelo MST e por organizações não-governamentais, possibilitando que o serviço de utilidade pública se ampliasse para uma rede difusora de notícias de interesse local para aquelas famílias que viviam há mais de 30 quilômetros de um centro urbano. Passaram a ser lidas informações (com dois a três dias de atraso) obtidas junto a jornais impressos emprestados, ou em material de divulgação do Movimento, e abriu-se espaço para o entretenimento e para a programação musical, feita através de fitas cassetes emprestadas.

Um grupo de 15 agricultores dividia-se na coleta das informações internas dos assentamentos, enquanto outros três ou quatro aprendiam técnicas de programação e locução, todos voluntariamente. *“Eram todos assentados, alguns com mais conhecimento, mas muitos só tinham o primário. [...] Usávamos o linguajar do colono, porque o importante era que a mensagem fosse entendida”*

⁸ Fonte: Incra/RS

(FUNDADOR 1, 2013). Iniciou-se, portanto, um processo comunicacional de caráter não-linear, que valorizava as relações interpessoais e o contexto social da recepção destas mensagens, conforme argumenta Beltrão:

excluídos do sistema de comunicação social, e não podendo – pela própria condição humana – dispensar o intercâmbio de mensagens culturais, integrariam sem dúvida um outro complexo de procedimentos, modalidades, meios e agentes elaboradores e emissores de mensagens, ao nível de sua vivência, experiência e necessidades, e expressivas de sua ideologia, aspirações e opiniões. Seria através desse outro sistema que as camadas sociais identificadas como carentes intercambiariam elementos de informação, educação, incentivo à melhora material e espiritual de sua vida, e, afinal, de entretenimento e sonho adequado às condições sócio-econômicas do seu dia-a-dia (BELTRÃO, 1980, p. 23).

Surgiam, então, os primeiros “líderes de opinião” nos assentamentos de Hulha Negra, que mesmo sem assim se aperceberem, faziam a mediação entre as informações da mídia de massa e a população rural, bem como entre o MST e as famílias. Os integrantes da rádio Terra Livre passaram a ser o “elo” entre o *hinterland*⁹ e o mundo exterior, capazes de traduzir o cenário “lá de fora” e harmonizar o pensamento da comunidade, assemelhando-se às figuras retratadas por Beltrão na década de 1960. Para o autor, o líder de opinião exerce função primordial para completar o ciclo comunicacional entre os grupos marginalizados. Ele destaca que

⁹ Termo emprestado de Beltrão, que, traduzido do inglês, significa “interior de um país, região distante”, conforme o Michaelis Moderno Dicionário. Recuperado em 13 de dezembro de 2013, de <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=ingles-portugues&palavra=hinterland>
>

essa conquista de liderança está intimamente ligada à credibilidade que merece no seu ambiente e à habilidade do agente comunicador de codificar a mensagem ao nível de entendimento dos seus receptores. Em função da estrutura social discriminatória mantida em nações como a nossa, a massa camponesa [... se comunica] por meio de um vocabulário escasso e organizado dentro de grupos de significados funcionais próprios. Quando se pretende transmitir uma mensagem a essas porções de indivíduos – e, especialmente, quando a mensagem insere um novo sistema de valores e conceitos [...] – é preciso ‘traduzir-lhes’ a ideia, adequando-a aos seus esquemas habituais de valoração (BELTRÃO, 2004, p.38-39).

À “decodificação” feita por estes agentes, cabe ressaltar o linguajar camponês, mantido até hoje na rádio Terra Livre, as características peculiares ao gaúcho, seu sotaque e suas expressões típicas da Campanha. Os programas parecem uma “conversa de vizinhos” – ou “rodas de viola” – e os comunicadores preservam a simplicidade do homem do campo. Isso os aproxima ainda mais da comunidade da qual também fazem parte, instaurando novos vínculos de identificação, conforme prevê a teoria de Beltrão (2004).

No sistema da folkcomunicação, [...] as manifestações são sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agente-comunicador, enquanto seu processo de difusão se desenvolve horizontalmente, tendo-se em conta que os usuários característicos recebem as mensagens através de um intermediário próprio em um dos múltiplos estágios de sua difusão. A recepção sem este intermediário só ocorre quando o destinatário domina seu código e sua técnica, tendo capacidade

e possibilidade de usá-lo, por sua vez, em resposta ou na emissão de mensagens originais (BELTRÃO, 2004, p. 73-74)¹⁰.

Os agentes *folk* se tornam líderes quando passam a ser referência no grupo ao qual pertencem, pois são a principal fonte de informação entre os meios massivos e os receptores heterogêneos de determinadas realidades. Neste sentido, um dos locutores mais antigos da rádio Terra Livre confirma que sua experiência o deixou ainda mais popular. Diz ele:

eu já era bem conhecido porque fui um dos primeiros a vir para os assentamentos, então sempre fui bem visto e bem recebido nas comunidades. Mas a partir do momento que eu vim para a rádio, esse reconhecimento foi maior. Só que não pode misturar as coisas, porque cada um tem a sua família e a gente também trabalha aqui. [...] O que gratifica é quando vamos nas comunidades e o povo fala que escuta a gente. Me sinto realizado, aprendi a gostar! Eu não quis fazer o curso de comunicação, porque eu não tinha ideia de ser apresentador, achava que não dava para a coisa. Hoje eu me arrependo, porque tudo o que eu aprendi, aprendi sozinho, se tivesse feito o curso teria sido mais fácil (LOCUTOR 1, 2013).

A proximidade com os locutores é um dos fatores de formação de uma audiência participativa, pois o “líder” facilita a interpretação das mensagens e concatena informações pertinentes ao ambiente onde atua. “É que a mensagem cultural se propõe a atender às necessidades básicas da cultura do receptor, relativas ao conhecimento e uso dos bens que a inteligência criadora, a ação construtiva do

¹⁰ A mesma citação também é encontrada em BELTRÃO, 1980, p. 27.

homem e a dinâmica da vida social lhe podem proporcionar” (BELTRÃO & QUIRINO, 1986, p. 103).

Deste modo, vislumbra-se o fenômeno da *Folkcomunicação* na existência de um sistema específico que conecta as populações rurais de Hulha Negra e região. O aprendizado gradativo e a troca de experiências estão no cerne da construção da rádio, que, ao longo de quase 18 anos, auxilia na construção e na consolidação destas comunidades. Beltrão (2004; 1986) explica que a função da comunicação não está “tão somente em informar ou orientar”, mas está também na educação, na atividade lúdica/diversional e na ação promocional. Por isso, o ato de comunicar, neste caso, representa mais que a mera transmissão de notícias feita por agricultores sem formação especializada, impera um desejo emancipatório de classes renegadas a sua conjuntura histórica, política, cultural e social.

Mídia radical: forma de resistência

O afastamento geográfico dos centros urbanos não apresenta apenas limitações estruturais, como locomoção ou infraestrutura, traz consigo a dificuldade de acesso aos bens culturais, como a informação. A sociedade aparece às comunidades rurais mediada, muitas vezes, pela televisão, e, principalmente, pelas ondas sonoras radiofônicas. Porém, a mídia tradicional oferece uma realidade diferente daquela onde vivem homens e mulheres do campo, desprezando necessidades, desejos, hábitos e costumes que lhes são peculiares e submetendo-os a um universo que nem sempre lhes pertence.

O educador brasileiro Paulo Freire já alertava que “a dificuldade em dialogar dos camponeses não tem sua razão neles mesmos, enquanto homens camponeses, mas na estrutura social, enquanto ‘fechada’ e opressora” (FREIRE, 2011, p. 61). Esta organização se propaga em um modelo historicamente vertical de

comunicação, onde a participação popular é vedada, ainda mais às populações rurais, restritas a uma mera recepção passiva.

Todavia, Freire (2011) retomou o homem como o centro das transformações sociais, desde que fossem examinadas suas relações com a natureza e não fossem desmerecidos os condicionamentos histórico-culturais a que está submetida a sua forma de atuar. Em outras palavras, é abrir-se ao ser humano em seu meio ambiente para possibilitá-lo a libertação pelo conhecimento, como preconizava o pensamento freireano:

[...] o homem, que não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um 'ser-em-situação', é também um ser do trabalho e da transformação do mundo. O homem é um ser da 'práxis'; da ação e da reflexão. Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação (FREIRE, 2011, p. 30).

Nesta perspectiva, Downing (2002) defende a ideia de "audiência ativa", em oposição à visão estática de público, espectador ou leitor como uma massa amorfa que apenas absorve os conteúdos da mídia tradicional. Para o autor, "as audiências são redefinidas como usuários da mídia em vez de consumidores, como ativas em vez de acríticas, como variadas em vez de homogêneas" (DOWNING, 2002, p. 40). Enaltece, portanto, o potencial comunicativo e mobilizador dos movimentos sociais e dos grupos populares que se organizam em contraposição ao sistema dominante e massivo dos meios convencionais de comunicação.

Assim como a *folkcomunicação*, Downing (2002) reconhece o valor da cultura popular nos processos de emissão e recepção de informações e no uso que as audiências fazem dos produtos culturais de massa.

O termo *cultura popular*, então, concentra-se na matriz da mídia radical alternativa, que é relativamente independente da pauta dos poderes constituídos e, às vezes, se opõe a um ou mais elementos dessa pauta. [...] toda essa mídia é parte da cultura popular e da malha social como um todo e não se encontra isolada, de modo ordeiro, em um território político reservado e radical (DOWNING, 2002, p. 39).

No caso dos assentados de Hulha Negra, pode-se considerar a rádio comunitária como um “sistema interpretante” pelo qual as famílias se apropriam das informações veiculadas nos meios de comunicação de massa a partir da releitura feita pelo grupo que opera a rádio. Este grupo simboliza os agentes *folk* das comunidades, uma vez que têm mais acesso a jornais e agências de notícias convencionais e retransmitem dados e fatos conforme o interesse local, a linguagem popular e as ideologias que acreditam. Contudo, a mídia convencional não é simplesmente rejeitada, pois muitas vezes veículos de grande circulação¹¹ servem de fonte de informações, desde que “reescritos” para o entendimento do povo:

Da mídia tradicional, ‘tu pega’ a Zero Hora e estes outros jornais de circulação, como o Jornal Nacional da Globo e ‘tu faz’ um resumo, uma síntese e divulga para o povo. Tu usa isso mas com a tua própria visão, tem algumas coisas que

¹¹ Aqui se deve registrar a precariedade do acesso à internet observado na zona rural. De acordo com os organizadores da Terra Livre, nem sempre é possível contar com os serviços *on-line*, por isso, *sites* de notícias não são muito visitados. Eles acabam repercutindo o jornal impresso comprado na cidade ou assuntos escutados em outras emissoras de rádio ou na televisão.

são completamente distorcidas. Fizemos uma interpretação e uma reflexão da mídia que está aí (COORDENADOR 2, 2013).

Melo (2004) também acredita que a *folkmídia* e a *mass mídia* coexistem em harmonia, pois o cenário “polifacético e multicultural” do mundo globalizado acolhe a aldeia global e a aldeia local como institui o pensamento beltraneano. Segundo ele, Beltrão “reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo ao mesmo tempo que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular numa espécie de *feedback* dialético, contínuo, criativo” (MELO, 2004, p. 20). Logo, a Terra Livre FM articula o global e o local, o macro e o microcosmo do *hinterland*, com vistas ao progresso destas comunidades.

Do mesmo modo, Downing (2002) revela que a cultura popular está entrelaçada com a cultura de massa, mas que a mídia radical alternativa – como também é a Terra Livre FM – constitui um meio mais atuante e aberto de expressão às culturas populares e de oposição.

Assim, os produtos da mídia convencional podem perfeitamente recorrer à cultura popular [...] e igualmente, mesmo quando moldados ou transmutados e depois “devolvidos” pelas indústrias comerciais, permanecer sujeitos a todo tipo de influências interpretativas geradas – uma vez mais – nas culturas cotidianas do público (DOWNING, 2002, p. 38).

Além disso, coordenadores e comunicadores se esmeram nos padrões das rádios comerciais, em busca da excelência dos serviços; todavia, jamais abandonam os laços camponeses que os une. Uma prova disso está na representação folclórica da cultura gaúcha, através das músicas e na escolha das pautas, que partem da

comunidade para a rádio. Entre os temas de maior interesse, estão os de nível “macro”, como a política e a economia do país (especialmente agricultura familiar, agronegócio e meio ambiente) e os de âmbito mais local, como investimentos públicos e infraestrutura. Os mais trabalhados são os assuntos que reproduzem a preocupação dos cidadãos que vivem na zona rural, como a permanência no jovem e as mulheres campesinas. De acordo com o Coordenador 2 (2013), as pautas dependem muito do momento que a comunidade vive.

Não tem como dizer qual é a programação tem mais ou menos audiência, mas quando a gente sai de uma luta na sexta-feira, por exemplo, não temos dúvida que 100% da população vai escutar nosso programa no sábado para saber o que se passou, porque a gente não vai ter condições de ir em todos os 56 assentamentos explicar o que aconteceu ou fazer o debate, então as pessoas ficam ligadas. Usamos a rádio para mobilizar para as atividades e quando a gente volta resume o que acontece (COORDENADOR 2, 2013)¹².

Na avaliação do representante de uma instituição que realiza trabalhos junto às comunidades rurais, a Terra Livre FM é *“instrumento fundamental na questão de informação, cultura e debate”* (USUÁRIO, 2013). Ele recorda que, há cerca de oito anos, os eventos tinham de ser programados com muita antecedência, porque dependiam do “boca a boca” para serem divulgados. *“Hoje, basta divulgar uma hora antes na rádio que todo mundo já fica sabendo. Facilitou porque agilizou nossas atividades, não sei como seria se não tivesse a rádio”*, afirma o Usuário, que distingue também a penetração da emissora na sociedade local:

há uma verdadeira paixão pela rádio, as famílias assentadas se identificam muito com a música, os recados, a divulgação que a rádio faz. Também tem ligação com

¹² No dia em que concedeu a entrevista para este estudo, o Coordenador 2 participava de uma mobilização estadual do MST em Porto Alegre, e transmitia o acontecimento por telefone, em intervenções diárias, aos assentados de Hulha Negra.

as vilas das cidades da região, tem um bom grupo das vilas que preferem deixar qualquer outra rádio para ficar na rádio comunitária Terra Livre. É um dos elos principais, assim como a cooperativa, a escola, ou outras associações, a rádio integra isso. É uma força dentro da força maior (USUÁRIO, 2013).

Assim, aparece a maior virtude da rádio Terra Livre, que é a participação ativa da audiência. No momento em que os públicos são fonte e destino das mensagens, eles possuem autonomia para decidirem o que comunicar e sobre o que comunicar-se. O fortalecimento do grupo social ao qual pertencem se consolida pelas ondas da rádio, vencendo o preconceito de décadas atrás, quando se instalaram na região como assentados da reforma agrária. A possibilidade de uma mídia tão interativa e tão próxima de sua realidade incentiva o diálogo e reduz as dificuldades do *hinterland*.

De acordo com Downing (2002),

[...] a mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também de pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas (DOWNING, 2002, p.50).

Sob esse aspecto, o uso emancipador da comunicação, conforme Enzensberger (1978, p. 101-102), possui as seguintes características: “programas descentralizados, cada receptor é um transmissor em potencial, mobilização das massas, interação dos participantes/ *feedback*, processo de aprendizagem política, produção coletiva e controle socializado por auto-organizações”. Estas palavras se traduzem na justificativa do Coordenador 2:

o que é utilizado da mídia e da imprensa tradicional é muito pouco, porque a mídia tradicional, da burguesia, não tem interesse em divulgar o que é interesse da classe ou alguma coisa boa para nós. O que nós queríamos era essa diferenciação na comunicação, porque hoje um meio de comunicação é estratégico, independente se for da burguesia ou da classe, e nós temos nas mãos essa ferramenta, para dialogar com o conjunto da classe e até mesmo com a sociedade em geral (COORDENADOR 2, 2013).

Às famílias assentadas de Hulha Negra, a rádio comunitária promove a coesão grupal para continuarem unidas, principalmente em torno do movimento social o qual pertencem. Este veículo de comunicação, particular aos agricultores, já se firmou como um “meio orgânico” daqueles grupos, estimulando a interação, a participação, a confluência em torno de interesses, algumas identidades, o sentimento de pertença, o caráter cooperativo, todos elementos imprescindíveis à existência da comunidade.

O instinto comunitário converte-se, então, em ativismo social, porque, como afirma Beltrão (2004, p. 29), “a resposta à mensagem, na comunicação coletiva, não é discussão, mas ação”. Ao elaborarem seus próprios produtos em lugar de apenas consumir as informações disseminadas pela grande mídia, os públicos podem operar e criar estratégias comunicativas comuns a seu cotidiano. Neste sentido, pode-se associar a *Folkcomunicação* ao conceito mais contemporâneo de “mídia radical”, pesquisado pelo norte-americano John Downing (2002). Ele amplia a concepção de mídia e não se atém à técnica como eixo central das relações comunicativa, mas valoriza a apropriação dos sujeitos da comunicação e o

reconhecimento do caráter político e cultural que as manifestações populares podem assumir.

Para Downing (2002), a mídia radical expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas, como pode ser constatado na rádio comunitária Terra Livre. Se constitui em meios de comunicação que desafiam as estruturas hierárquicas existentes e conferem poder a comunidades e classes, permitindo que conversem entre si. Na visão do autor,

[...] a mídia radical alternativa geralmente serve a dois propósitos precedentes: a) expressar verticalmente, a partir dos setores subordinados, oposição direta à estrutura de poder e seu comportamento; b) obter, horizontalmente, apoio e solidariedade e construir uma rede de relações contrária às políticas públicas, ou mesmo à própria sobrevivência da estrutura de poder (DOWNING, 2002, p. 29-30).

Sendo assim, a mobilização social necessária para o desenvolvimento do campo, especialmente dos assentamentos da reforma agrária, se materializa em iniciativas – comunitárias, alternativas e radicais – como a rádio Terra Livre FM. Na mesma perspectiva da *folkcomunicação*, as relações sociais firmadas entre os camponeses e mediadas pela emissora não se deparam com sujeitos passivos, pois todos os atores agem na interpretação, na interação com o grupo e na reinterpretação das informações e das mensagens, em uma forma hermenêutica de lidar com a comunicação e com o compartilhamento de conhecimentos, que nem sempre lhes são proporcionados.

Considerações finais

A história e o progresso da rádio comunitária Terra Livre FM é uma mostra da relevância da *Folkcomunicação* para as comunidades do *hinterland*, onde as manifestações populares não podem ser apreciadas somente em seus aspectos artísticos, mas principalmente em seu caráter libertador e emancipador nesta sociedade tão dicotômica quanto a brasileira. Paralelo ao avanço tecnológico e às mediações via satélite ou computador, as formas primitivas de comunicação ainda resguardam o homem como sujeito das relações humanas.

Essas práticas rústicas também se renovam em mídias radicais alternativas, ampliando a capacidade de movimentação e de mobilização dos assentados rurais, dentro de um sistema vigente. Do mesmo modo que a *Folkcomunicação* entende a cultura popular como um facilitador no diálogo entre os povos marginalizados, a mídia radical “é a viga mestra da estrutura de comunicação democrática” (DOWNING, 2002, p. 79), pois expande o âmbito das informações, da reflexão e da troca a partir dos limites hegemônicos e estreitos do discurso da mídia convencional.

Por isso, a rádio Terra Livre FM, além de um rico exemplo *folkcomunicacional*, pode ser classificada também como mídia radical – aquela que, “em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes, expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (DOWNING, 2002, p. 21). A emissora tornou-se a força daquela massa isolada em um projeto de reforma agrária, que carregava consigo o peso de uma luta ideológica. O veículo, ainda que artesanal, passou a ser caixa de ressonância para vozes e ideias muitas vezes emudecidas.

Em um processo gradual, no decorrer dos anos, os agricultores expandiram seu espaço de autonomia e cidadania, edificado hoje pela rádio comunitária. O veículo é vital a estas famílias, pois foi através dele que se impuseram à sociedade local, adquirindo o merecido respeito como cidadãos do campo e do povo. Os relatos de cada entrevistado exibiram a paixão e o carinho com que cuidam deste maior bem que possuem: microfones abertos para a própria realidade.

Verifica-se, portanto, que a partir da livre expressão de suas ideias e do intercâmbio de informações em um canal próprio, os assentados recuperaram o orgulho ferido pelo desprezo, preconceito e desconhecimento daqueles cuja causa da reforma agrária não é familiar. Logo, a possibilidade de interação com o mundo elevou a auto-estima desta população isolada, em muito, pela sua condição territorial. O atraso tecnológico visível no campo instiga a adoção de posturas enérgicas de autoafirmação e de resistência, como as que se averiguaram entre os assentados de Hulha Negra, demonstrando que tanto a *Folkcomunicação* quanto as mídias radicais são eficientes “armas” para a transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Beltrão, L. (1980). *Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez.

Beltrão, L., & Quirino, N. O. (1986). *Subsídios para uma teoria de comunicação de massa*. São Paulo: Summus.

Beltrão, L. (2001). *Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Beltrão, L. (2004). *Folkcomunicação: Teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: UMESP.

Coordenador 1. (2013). *Depoimento de integrante da atual coordenação da Rádio Terra Livre FM, que vive no assentamento Meia Água/Unidos Venceremos II*. [Gravação Digital]. Hulha Negra (Brasil). Entrevista concedida a Keila Mara dos Reis em 23/10/2013.

Coordenador 2. (2013). *Depoimento de integrante da atual coordenação da Rádio Terra Livre FM, que também mora assentamento Meia Água/Unidos Venceremos II*. [Gravação Digital]. Hulha Negra (Brasil). Entrevista concedida a Keila Mara dos Reis em 23/10/2013.

Downing, J. D. H. (2002). *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. Vieira, S. (trad.). São Paulo: Senac São Paulo.

Enzensberger, H. M. (1978). *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Freire, P. (2011). *Extensão ou comunicação?* (15ª ed.) Oliveira, R. D. (trad.) São Paulo: Paz e Terra.

Fundador 1. (2013). *Depoimento de integrante do primeiro grupo de formação da Rádio Terra Livre FM, que vive no assentamento Santa Elmira*. [Gravação Digital]. Hulha Negra (Brasil). Entrevista concedida a Keila Mara dos Reis em 23/10/2013.

HOHLFELDT, A. (2002). Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. *PCLA Revista Científica Digital*. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisas sobre Folkcomunicação, no âmbito da XXV Intercom, Salvador. Recuperado em 12 de dezembro de 2013, de

<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista14/artigos%2014-1.htm>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Sinopse do Censo Demográfico 2010*. Recuperado em 13 de janeiro de 2014, de

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. *Relação de Beneficiários*. Recuperado em 20 de janeiro de 2014, de

<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/projetos-e-programas-do-incra/relacao-de-beneficiarios-rb>



Locutor 1. (2013). *Depoimento de um dos locutores da Rádio Terra Livre FM, que apresenta três programas na emissora. Assentado no projeto Conquista da Fronteira*. [Gravação Digital]. Hulha Negra (Brasil). Entrevista concedida a Keila Mara dos Reis em 23/10/2013.

Melo, J. M. (2004). Introdução à Folkcomunicação: gênese, paradigmas e tendências. In: Beltrão, L. *Folkcomunicação: Teoria e metodologia*. (pp. 11-24). São Bernardo do Campo: UEMESP.